

**CÓLERA**

# Manicoré revive Idade Média no Amazonas

*Epidemia em cidade às margens do Rio Madeira mata seis pessoas, fecha portas do comércio e provoca êxodo de garimpeiros*

WALTER FALCETTA JR.

Manicoré, município amazonense de 47 mil habitantes, a cerca de 400 km de Manaus, vive acossado de um lado pela epidemia da pobreza e, por outro, pela epidemia de cólera. Desde quarta-feira da semana passada, quando um viajante morreu em uma balsa à beira do Rio Madeira, no vilarejo de Auxiliadora, instaurou-se na cidade um tipo de temor que só encontra paralelo nos relatos medievais sobre a peste negra na Europa. Parte do comércio cerrou as portas, o hospital abarrotou-se de enfermos e a cada dia uma nova legião de garimpeiros parte para longe. Em oito dias, são 25 casos e 6 mortos.

Quem volta de um incursão

fluvial pelo interior do município conta casos de gente doente, perdida no meio da mata. O prefeito Waldomiro Gomes confirma as notícias. "A praga se alastra pelas pequenas comunidades e não temos como socorrer as pessoas", diz. Embora seja relativamente fácil curar uma vítima de cólera, aquele que contrair a doença fora da cidade tem poucas chances de escapar. Sem antibióticos, soro e produtos higienizantes, as populações ribeirinhas recorrem às novenas e terços.

O prefeito Gomes revela a grande mazela no sistema de saúde pública de Manicoré: a falta de uma lancha, uma ambulância náutica que possa assistir as 72 vilas do município. "Depois de horas a bordo de

uma canoa, o doente chega sem esperanças de recuperação", diz. Cinco médicos trabalham no único hospital da cidade e tentam ensinar métodos preventivos à população local.

Nos últimos dias, o pavor do contágio originou um ritual agora comum nas margens pouco plácidas e ainda ensolaradas do Madeira. As vestes e pertences do infectado são incineradas e os barcos lavados com água sanitária. A peste mudou o comportamento da gente de Manicoré em relação ao Madeira. O rio que já deu a vida, agora ameaça com a morte. E gera desconfiança.

Pelo Madeira navegam regularmente doze barcos que ligam Manaus a Porto Velho (RO). No meio deles, cerca de

40 balsas desfilam diariamente à frente de Manicoré, carregando devagar aquilo que até há dois anos transitava pelo trecho paralelo da hoje destruída BR-319. Para piorar a situação, o aeroporto da cidade está fechado em razão dos problemas na pista de pouso.

O presidente da Câmara, Emanuel Duarte, acredita que a cidade possa ser riscada do mapa caso o governo federal não envie recursos para o combate à doença. "Não temos nem combustível para abastecer o barco emprestado que estamos usando na luta contra a cólera", reclama. O governo do Amazonas deslocou dois médicos para Manicoré, além de um lote de remédios e água sanitária. Liberou ainda uma verba de Cr\$ 2 mi-

lhões, que o vereador acha insuficiente. Duarte pediu socorro ao ministro Alceni Guerra e ao deputados federais amazonenses.

A epidemia de cólera parece ter derreado de vez a frágil economia de Manicoré. Os passageiros dos mesmos barcos que trouxeram a cólera agora têm medo de descer na cidade alquebrada. Quem tem negócios na região espera um momento mais propício para visitá-la. "As pessoas têm até medo de sair na rua", diz Valdenor Campos da Costa, dono de uma serraria na cidade. Para enfrentar o calor e prevenir-se, Costa só sai de casa com uma garrafinha de água, desinfetada com água sanitária. "Não confio em água de torneira e copo de bar", diz.



ARISTARDO/REBRTO